

## ATITUDES FRENTE A PESSOA COM TRANSTORNO MENTAL: UM ESTUDO DE REVISÃO

Gabriella Medeiros Silva; Alice Thayane Lira Cardoso; Diana Karine Oliveira de Melo.

Universidade Federal da Paraíba, medeirosgabriella7@gmail.com

Universidade Federal da Paraíba, alicetlcardosos@gmail.com

Universidade Federal da Paraíba, dianakoliveira4@gmail.com

**Resumo:** As atitudes podem ser conceituadas como qualquer crença ou avaliação subjetiva associada a um objeto. Elas não são inatas, mas sim processos adquiridos a partir da aprendizagem. Neste sentido, tendo em vista que pacientes com transtornos mentais enfrentam bastante preconceito com base nas crenças negativas que as pessoas têm com relação a essa população, algo que influencia em seu processo de exclusão na sociedade, o objetivo dessa revisão bibliográfica é analisar os artigos que abordem o tema atitudes frente aos indivíduos com transtornos mentais publicados nos últimos 10 anos nas bases de dados SciELO, Periódicos da Capes e PePSIC, visando identificar as principais características dos estudos. Foram considerados para estudo os artigos escritos em língua portuguesa ou inglesa, e que estivessem disponíveis gratuitamente para download, sendo excluídos aqueles que não tivessem como foco este tipo de estudo, pesquisas qualitativas e revisões bibliográficas. A presente revisão mostrou uma escassez de investigações acerca da mensuração de atitudes em relação aos indivíduos com transtornos mentais, confirmada pelo número reduzido de artigos encontrados e considerados para análise. Os artigos avaliados e incluídos foram publicados na área da saúde, especialmente em revistas de enfermagem. Em geral, as atitudes com relação às pessoas com transtornos mentais oscilaram conforme o estudo realizado. Para trabalhadores de saúde mental, na maioria dos itens da escala, foram apresentadas atitudes positivas. Estudantes de enfermagem apresentaram atitudes mais positivas do que estudantes de medicina. Já os empresários demonstraram atitudes mais negativas, acreditando na irrecuperabilidade e na periculosidade das pessoas com transtornos mentais.

### Palavras-chave:

Atitudes; Transtorno Mental; Psicologia; Saúde Mental.

### Introdução

Formadas durante o processo de socialização, as atitudes podem ser conceituadas, de acordo com o Dicionário da APA (em inglês, American Psychological Association), como sendo uma avaliação relativamente persistente e geral de um objeto, pessoa, grupo, assunto ou conceito, em uma escala que varia de negativo a positivo. Sendo qualquer crença ou avaliação subjetiva associada a um objeto.

Considerando que as atitudes não são inatas, mas sim processos adquiridos a partir da aprendizagem, através da interação do sujeito com os agentes que transmitem crenças e comportamentos, é importante destacar que não são fenômenos observáveis em si, existindo apenas na esfera psíquica e sendo percebidos a partir do comportamento do sujeito (RODRIGUES; ASSMAR; JABLONSKI, 2015; OLIVEIRA, 2001)

Embora existam divergências de nomenclatura, conforme Myers (2014), existe um tripé dimensional

(83) 3322.3222

contato@conbracis.com.br

[www.conbracis.com.br](http://www.conbracis.com.br)

para se pensar as atitudes: o afeto (sentimentos), a cognição (pensamento) e a tendência de comportamento. Assim, a forma como os indivíduos processam informações do meio social é muito importante para entender o quanto as atitudes são fundamentais para que esse processamento ocorra (OLIVEIRA, 2001).

Uma das maiores dificuldades que os pacientes com transtornos mentais tem enfrentado durante vários séculos, e que, segundo uma revisão sistemática sobre o assunto, ainda é muito atual, é o preconceito com base nas crenças negativas que as pessoas têm com relação a essa população. Muitos desses tipos de juízos envolvem esses pacientes. A ideia do sobrenatural, por exemplo, onde a doença mental era vista como o aparecimento de entidades, demônios, e espíritos malignos, faz parte do resultado de um processo histórico de construção desse estigma (MACIEL, et al., 2015).

Diversas pesquisas mostram o quanto essas atitudes negativas influenciam a exclusão desse paciente, impedindo-o de viver livremente em comunidade, de forma segura e digna. Esse paciente muitas vezes se afasta do tratamento por não sentir-se aceito pela sociedade (ABRAMENKO, et al., 2017). Dessa forma, fazer uma revisão que contemple as atitudes relacionadas aos transtornos mentais é muito importante para compreender como os profissionais da psicologia devem atuar diante dessa população tão excluída. Portanto, o objetivo dessa revisão bibliográfica é analisar os artigos que abordem o tema atitudes frente aos indivíduos com transtornos mentais publicados nos últimos 10 anos, visando identificar as principais características dos estudos.

## **Método**

Trata-se de uma revisão da literatura realizada entre os dias 05 e 19 de setembro de 2017 nas bases de dados SciELO, Periódicos da Capes e PePSIC, utilizando como descritores: “Atitudes and Transtornos Mentais” ou “Mental Disorders and Attitudes”. Foram incluídos os estudos quantitativos que tivessem como foco mensurar as atitudes frente aos transtornos mentais publicados nos últimos 10 anos em periódicos científicos, de forma que teses, dissertações e capítulos de livros e outros meios não participaram deste estudo. Além disso, foram considerados para estudo os artigos escritos em língua portuguesa ou inglesa, e que estivessem disponíveis gratuitamente para download, sendo excluídos aqueles que não tivessem como foco este tipo de estudo, pesquisas qualitativas e revisões bibliográficas.

## Resultados

Os artigos avaliados e incluídos foram publicados na área da saúde, especialmente em revistas de enfermagem, visto que em seus objetivos, semelhantes, ditam a proposta de verificar as atitudes de cidadãos em geral ou profissionais da área. Em seguida, se discorre sobre as principais conclusões obtidas a partir de uma visão generalizada dos resultados em cada estudo, na intenção de destacar suas conclusões e relevância dentro da temática pontuada nesta revisão, sendo expostos trabalhos nas línguas portuguesa e inglesa, que foram os enquadrados.

Houve artigos que a princípio foram selecionados por corresponder a praticamente todos os critérios, mas, em análise aprofundada, foi necessário descartá-los. Apesar de estarem relacionados aos transtornos mentais, havia pesquisas para tratar de transtornos específicos, como a esquizofrenia; outras questões relacionadas à saúde mental; ou se utilizavam do método de investigação qualitativo, por exemplo. A tabela 1 reúne os dados relativos às pesquisas efetuadas. Dentre os excluídos, na base de dados SciELO, foram encontrados 1 revisão bibliográfica sobre outras questões psiquiátricas, 2 pesquisas qualitativas, e 11 demais artigos que não se encaixaram por demais pontos. Na plataforma Periódicos Capes, foram encontradas 12 revisões bibliográficas sobre demais temas da psiquiatria, 7 pesquisas qualitativas, e outros 112 artigos que fugiam das especificidades desejadas por demais motivos. Já na plataforma PePSIC foi encontrado apenas 1 artigo, mas este não atendia aos critérios de inclusão.

**Tabela 1:** Artigos encontrados nas buscas por base de dados

<b>SciELO</b>	
Descritores:	Atitudes and Transtornos Mentais
Total de artigos encontrados:	11
Artigos excluídos:	8
Artigos incluídos:	3
<b>Periódicos Capes</b>	
Descritores:	Mental Disorders and Attitudes
Total de artigos encontrados:	5
Artigos excluídos:	5
Artigos incluídos:	0
Descritores:	Atitudes and Transtornos Mentais
Total de artigos encontrados:	132

<b>Artigos excluídos:</b>	131
<b>Artigos incluídos:</b>	1
	<b>PePSIC</b>
<b>Descritores:</b>	Atitudes and Transtornos Mentais or Mental Disorders and Attitudes
<b>Total de artigos encontrados:</b>	1
<b>Artigos excluídos:</b>	1

Na presente análise, foram demarcadas as seguintes categorias para melhor elaboração das semelhanças e diferenças encontradas nos artigos em questão: local de estudo, características da amostra, instrumentos utilizados e os principais resultados. Partindo do primeiro, três das pesquisas foram no Brasil, sendo no interior do Rio de Janeiro (1), no interior do Rio Grande do Sul (1), e em universidades do Paraná (1); a restante foi no país da Índia, realizada em universidade. Os autores, local de publicação e objetivos dos estudos foram reunidos na tabela 2, a seguir.

**Tabela 2:** Informações dos artigos considerados para o estudo

<b>Autores</b>	<b>Título</b>	<b>Revista</b>	<b>Ano</b>	<b>Objetivos</b>
ABRAMENKO, <i>et al</i>	Atitudes dos Trabalhadores de Saúde Mental em Relação aos pacientes psiquiátricos em uma cidade do interior do Rio de Janeiro.	Cadernos de Saúde Coletiva	2017	Avaliar as atitudes dos indivíduos que trabalham na área de saúde mental no município de Carmo, RJ.
POREDDI; THIMMAIAH; BADAMATH,	Medical and Nursing Students' Attitudes Toward Mental Illness: An Indian Perspective	Invest. Educ. Enferm.	2017	Comparar as atitudes dos estudantes de enfermagem e medicina frente à doença mental.
DELEVATI; PALAZZO.	Atitudes de Empresários do Sul do Brasil em relação aos portadores de doenças mentais	Jornal Brasileiro de Psiquiatria	2008	Conhecer as atitudes dos empresários com relação aos portadores de doenças mentais, e verificar possíveis associações com os dados sociodemográficos.
SANTOS; SOARES; HIRATA.	Atitudes, Conhecimentos e Opinião Frente à Saúde Mental em Alunos de Graduação em Enfermagem	Revista da Escola de Enfermagem da USP	2013	Comparar as atitudes dos estudantes de enfermagem em duas universidades do Paraná frente à doença mental e os cuidados com esta.

### **Características da Amostra**

Neste caso, a maioria dos participantes estavam envolvidos na área da saúde, como profissionais ou estudantes, principalmente no campo da enfermagem. Outro grupo pesquisado foi o de empresários. Na sua maioria, em todos os estudos com pessoas relacionadas à saúde, houve mais participantes do sexo feminino, sempre significativamente acima do número de homens (cerca de mais de 75%), com exceção do grupo anteriormente mencionado de empresários, prevalecendo uma maioria masculina de 55,1% . O que varia são as características estado civil e idade, isto porque dois dos estudos são com trabalhadores (ABRAMENKO *et al.*, 2017; DELEVATI; PALAZZO, 2008), e dois são com apenas estudantes (POREDDI; THIMMAIAH; BADAMATH, 2017; SANTOS; SOARES; HIRATA, 2013). No primeiro caso, prevalecem os casados, tendo, na média, entre 30 e 50 anos. Já no segundo, são jovens entre 18 e 20 anos, geralmente.

### **Instrumentos**

Nos estudos, pesquisadores de dois se utilizaram de instrumentos diferentes, com exceção do questionário sociodemográfico – que ainda podia variar nas características de interesse para cada pesquisador –, e nos outros dois adotou-se a escala de *Opiniões Sobre a Doença Mental* (ODM). Os instrumentos padronizados, todos adaptados para seus contextos, foram: *Community Attitudes Toward the Mentally III* (CAMI); *Attitude Scale for Mental Illness* (ASMI); *Opinions About Mental Illness* (ODM).

Uma proposta interessante seria fazer uma comparação dos principais resultados obtidos a partir das escalas em cada pesquisa, porém as subescalas vão variar em quantidade e qualidade, assim como na atribuição dos escores, não permitindo uma comparação justa, com exceção da ODM nesse caso. De todo modo, é ainda pertinente levantar que, embora distintas, elas trazem pontos semelhantes, como é o caso da subescala *Benevolência*, presente em todas, e *Autoritarismo*, presente nas duas que são adaptadas ao contexto brasileiro, visto que um dos artigos é de origem indiana. A seguir, estão apresentadas em mais detalhes as escalas, seus objetivos e subescalas componentes.

- **CAMI-III:** com 40 itens e 4 subescalas (autoritarismo, benevolência, restrição social e ideologia da saúde mental comunitária), tem como objetivo investigar as atitudes da comunidade quanto aos indivíduos que lidam com transtornos mentais e saúde mental.
- **ASMI:** é usada para mensurar as atitudes de profissionais de saúde frente às doenças mentais, onde quanto menor o escore, maior a

positividade com as pessoas (exceção para a benevolência, em que a medida é reversa). As subescalas, conforme texto original avaliado, são: *stereotyping* (4 itens), *restrictiveness* (4 itens), *benevolence* (8 itens), *pessimistic prediction* (4 itens), *stigmatization* (4 itens).

- **ODM:** verifica as opiniões sobre doença mental, a partir de 51 enunciados em forma de afirmação, em escala Likert. É composta por sete fatores: autoritarismo, benevolência, ideologia de higiene mental, restrição social, etiologia interpessoal, etiologia de esforço mental, e visão minoritária.

### Principais Resultados dos Estudos

O principal ponto a ser levantado é quanto à benevolência. Em observação geral, os estudantes e profissionais de enfermagem se mostraram benevolentes com relação a pessoas com transtornos mentais. Um dos resultados (POREDDI *et al.*, 2017) afirma que as mulheres tendem a ser mais benevolentes. Vale ressaltar que neste caso a amostra se compõe mais de 83% por mulheres – assim como nas outras, o feminino prevalece. Os empresários do interior do RS também se mostraram benevolentes, com características de protecionismo.

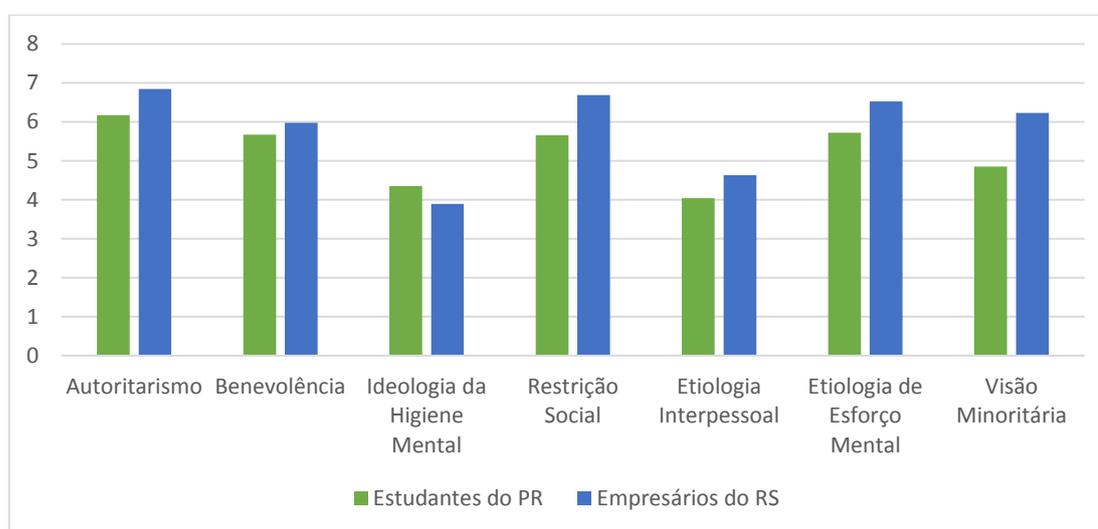
Foi, também, indicado que pessoas com menos de 20 anos são mais propensas a demonstrar atitudes positivas do que aquelas acima dos 60, sendo menos restritivas socialmente e menos autoritárias (ABRAMENKO *et al.*, 2017; POREDDI *et al.*, 2017). Nos resultados com o público empresarial, há resultados semelhantes, uma vez que quanto maior a idade, mais aumentaram os escores de restrição social e crença na etiologia interpessoal do transtorno – destacando, aqui contradiz o resultado proporcional entre benevolência e idade, onde quanto maior um, mais elevado o outro. Em contiguidade, há indícios de que indivíduos com mais de 10 anos de estudo apresentam mais atitudes positivas para os transtornos mentais, levantando a possibilidade de que mais instrução, ou nível de escolaridade, se associam com as atitudes neste contexto. (ABRAMENKO *et al.*, 2017; DELEVATI; PALAZZO, 2008).

Outro dado interessante, referenciado algumas vezes, é se os respondentes têm contato, ou conhecem, alguém com transtornos mentais, o que foi objeto de verificação de apenas dois, onde um a maioria não conhece alguém e apresenta reação entre neutra e positiva (ABRAMENKO *et al.*, 2017); enquanto no outro, os que tem contato com alguém que convive com doença mental tiveram reações mais benevolentes e menos restritivas (POREDDI *et al.*, 2017).

Ainda, dois estudos (POREDDI *et al.*, 2017; SANTOS *et al.*, 2013) afirmaram não haver diferenças significativas entre os grupos participantes, com relação aos resultados gerais. Neste sentido, acima se agruparam semelhanças entre os resultados dos artigos em questão, sendo assim, alguns se interessaram por investigar algumas questões distintas, como no caso da pesquisa com universitários do Paraná, que também tinha interesse em levantar questões sobre a influência do currículo acadêmico dos cursos nas apurações finais (Santos *et al.*, 2013).

Quanto ao estudo de Santos *et al.* (2013) e Delavati e Palazzo (2008), ambos utilizaram a escala ODM, como dito no tópico sobre instrumentos. Apesar das amostras partilharem diferenças significativas, a critérios comparativos de resultado se apresenta em seguida um gráfico demonstrando os escores (Figura 1), transformados em Sten pelos próprios estudos, dos estudantes de duas universidades do Paraná e de empresários do Rio Grande do Sul. Para o grupo dos estudantes, foi tirada uma média entre os dois, pois no artigo são apresentados os pontos de ambas instituições de forma comparativa; então, apenas no objetivo de visualizar os dados do mesmo instrumento e compará-los a partir das diferenças entre as amostras, se faz uma demonstração geral.

**Figura 1:** Histograma comparativo dos resultados das pesquisas de Santos *et al.* (2013) e Delavati e Palazzo (2008)



Os resultados demonstram que os empresários pontuaram mais alto que os estudantes, exceto no fator Ideologia da Higiene Mental, e no fator Benevolência, onde houve uma aproximação relevante nos escores. Portanto, o grupo

de empreendedores, de maioria masculina, entre 40 e 49 anos, mostrou resultados mais negativos com relação aos transtornos mentais, do que os estudantes universitários do curso de enfermagem, de característica jovem, entre 16 e 20 anos, e feminino.

### **Limitações**

Diante do exposto, se faz importante levantar as limitações elaboradas pelos responsáveis sobre suas pesquisas. Em consonância, afirmaram que um estudo de corte transversal, com amostra de conveniência ou população muito específica, não permite que sejam representativas da população em geral, tornando difícil a possibilidade de generalização desses resultados. Além disso, é notável que há desequilíbrio no que diz respeito ao gênero dos participantes, tendo em vista que mais da metade foi composta por mulheres, limitando generalizar e especular, de fato, sobre as atitudes do gênero masculino; em contrapartida com um dos trabalhos, que foi com empresários e prevaleceu a maioria masculina. De toda forma, são públicos diferentes, de tal modo que não é justo comparar atitudes de uma determinada amostra de maioria masculina com as demais de prevalência feminina, sobretudo por apresentarem várias características distintas além do gênero.

### **Discussão**

A análise dos 4 artigos aqui retratados trouxe grandes contribuições para o entendimento de como as atitudes dos profissionais de saúde e empresários para com indivíduos com transtornos mentais pode influenciar na estigmatização desses indivíduos, além de trazer uma reflexão sobre que estratégias podem ser tomadas para desmistificar as crenças sobre tais transtornos.

O estigma ao qual o portador de transtornos mentais se encontra preso é uma das principais razões para que as atitudes negativas se façam presentes. Esse estigma leva ao isolamento social e a dificuldades para relacionar-se com os outros, ou seja, o indivíduo encontra-se excluído da sociedade. Tal problema torna-se mais complexo quando os profissionais de saúde e atendimento primário exibem atitudes negativas para com esses pacientes, ou quando eles não encontram abertura para reinserir-se na sociedade, através do trabalho. Dessa forma, para compreender que aspectos dificultam a inclusão desses indivíduos na sociedade e que artifícios podem ser utilizados para evitá-los, é essencial analisar as atitudes dos profissionais de saúde que vão lidar diretamente com os pacientes, e dos empresários, que tem a capacidade de promover um “recomeço” para esses indivíduos.

A presença dessas atitudes negativas parece estar relacionada a diversos fatores como: nível de escolaridade, sexo, idade, categoria profissional, conhecimento técnico adequado, contato com pessoas que tenham sofrido ou sofram de um transtorno mental, entre outros. Com relação ao nível de escolaridade, observou-se que os profissionais de saúde com níveis de ensino mais altos e mais anos de estudo apresentaram, em geral, atitudes mais positivas em comparação com o oposto. Isso poderia ser explicado pelo fato de que tais indivíduos possuem mais conhecimento sobre os transtornos mentais, ou seja, tem uma visão mais realista sobre tal condição, não baseada em crenças fantasiosas.

No que diz respeito a faixa etária, observou-se que os profissionais mais jovens apresentavam atitudes mais positivas com relação aos pacientes do que os mais velhos. Uma possível explicação para tal ocorrido consiste em que, quando esses profissionais mais jovens começaram a trabalhar na instituição, mudanças já estavam se desenvolvendo no cenário da saúde mental, enquanto que os profissionais mais velhos estavam acostumados com a visão antiga de exclusão de pacientes com transtornos mentais.

Outro aspecto importante foi o de conhecer indivíduos que sofressem de algum tipo de transtorno mental. Um contato mais frequente com esses indivíduos desencadearia a presença de atitudes mais positivas para com eles. O convívio diário com os pacientes levaria a um maior entendimento de sua situação e das dificuldades pelas quais passam, gerando sentimentos de empatia e compaixão.

Dentre os profissionais que atuam diretamente com os pacientes, encontram-se os enfermeiros. Um dos estudos analisados trouxe dados importantes com relação à formação de enfermeiros em diferentes instituições de ensino superior. Foram detectadas diferenças quanto a importância que os estudantes atribuíam a certos aspectos da qualificação profissional, como o relacionamento, o autoconhecimento, autoconfiança, entre outros. Essas diferenças seriam resultantes da grade curricular e dos conhecimentos priorizados, que variam dependendo da instituição. Os dados sociodemográficos também poderiam ter influência sobre tais resultados.

É importante ressaltar que no estudo de Poreddi *et al.* (2017), realizado na Índia, constatou-se que o sexo dos profissionais pode influenciar a forma como estes irão agir com relação aos pacientes. As mulheres mostraram atitudes mais positivas, o que corroborou com diversos outros estudos que relatam que as mulheres são mais tolerantes e mais abertas no que se refere a transtornos mentais. Nesses estudos também foram analisadas as atitudes de estudantes de medicina e enfermagem, porém não

houve diferenças significativas que permitissem inferir qual categoria profissional apresenta mais atitudes positivas ou negativas.

Os estudos mencionados contribuíram para a compreensão das atitudes dos profissionais de saúde que, apesar de em sua grande maioria apresentarem atitudes positivas, ainda são motivados por um pensamento estereotipado e excludente, que pode ter consequências desastrosas no trato de seus pacientes como, por exemplo, atitudes punitivas e de agressividade.

Outra análise importante está relacionada às atitudes de empresários para com portadores de doenças mentais. Segundo Delevati e Palazzo (2008), a reabilitação psicossocial é muito importante para os indivíduos com transtornos mentais e procura oferecer-lhes melhor qualidade de vida. Dentre os diversos objetivos dessa reabilitação está a inserção social, pois através do trabalho o indivíduo pode sentir-se como parte da sociedade em que vive, passando a contribuir com esta. Segundo alguns estudos realizados, a inserção no mercado de trabalho estaria associada a uma qualidade de vida superior a dos indivíduos que não encontram-se inseridos. No entanto, a atitude dos empregadores pode se tornar um obstáculo nesse processo de reinserção.

Através dos resultados obtidos observou-se que as atitudes dos empresários estavam, em sua maioria, relacionadas à visão de que os portadores de transtornos mentais são indivíduos que precisam ser confortados, protegidos, pois são “vítimas” de sua doença e, portanto, infelizes com sua condição. Como visto anteriormente, aqui também está presente a crença de que são pessoas perigosas, diferentes das normais. Os fatores faixa etária e nível de escolaridade apresentaram resultados semelhantes aos estudos anteriores, mostrando que o aumento da idade está relacionado à concepção de restrição social e que níveis de escolaridade mais baixos relacionavam-se com a compreensão de que os portadores de transtornos mentais são agressivos e não tem capacidade de recuperação, estando fadados ao isolamento social.

Essas atitudes são causadas pela falta de informação e preconceitos dos empregadores e são um obstáculo para a reinserção dos portadores de transtornos mentais no mercado de trabalho. Diante disso, é importante que medidas sejam tomadas para instruir esses profissionais, contribuindo para uma visão menos estereotipada dos transtornos mentais.

## Conclusão

A revisão bibliográfica se configura como uma ferramenta de fundamental importância para conhecer a produção científica de uma área, visto que reúne diversos estudos originais e apresenta os resultados de forma sintética, sendo estes analisados por meio de estratégias que limitam vieses e erros aleatórios.

A presente revisão mostrou uma escassez de investigações acerca da mensuração de atitudes em relação aos indivíduos com transtornos mentais, confirmada pelo número reduzido de artigos encontrados e considerados para análise, de forma a ressaltar a necessidade premente de se estudar e aprofundar o conhecimento acerca desta temática, que é tão importante, principalmente no que concerne à desinstitucionalização psiquiátrica, uma vez que o apoio da comunidade é imprescindível para que pessoas com transtornos mentais possuam os mesmos direitos que qualquer outro cidadão.

Os artigos aqui analisados demonstraram que, em geral, as atitudes com relação às pessoas com transtornos mentais oscilaram conforme o estudo realizado. Para trabalhadores de saúde mental, embora ainda persistam algumas atitudes autoritárias, na maioria dos itens da escala, foram apresentadas atitudes positivas em relação aos pacientes psiquiátricos. Enquanto que os estudantes de enfermagem apresentaram atitudes mais positivas do que estudantes de medicina com relação aos transtornos mentais. Já os empresários demonstraram atitudes mais negativas, acreditando na irrecuperabilidade e na periculosidade das pessoas com transtornos mentais.

Diante do exposto, é necessário salientar que as conclusões apresentadas devem ser compreendidas tendo em vista as limitações do presente estudo, uma vez que esta seleta amostra de artigos é muito pequena para fazer afirmações concretas sobre algo, sendo preciso que mais estudos de levantamento na área sejam feitos, para que se possa ampliar o conhecimento sobre o tema.

## Referências

ABRAMENKO, L., et al. Atitudes dos Trabalhadores de Saúde Mental em Relação aos Pacientes Psiquiátricos em uma Cidade do Interior do Estado do Rio de Janeiro. **Cadernos Saúde Coletiva**, 25(2): 169-176. 2017.

AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION. **Dicionário de Psicologia**. Porto Alegre, RS: Artmed. 2010.

DELEVATI, D. M.; PALAZZO, L. D. Atitudes de empresários do Sul do Brasil em relação aos portadores de doenças mentais. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, 57(4), 240-246. 2008.

MACIEL, S. C. et al. Desenvolvimento e Validação da Escala de Crenças sobre a Doença Mental. **Psicologia Reflexão e Crítica**, 28(3), 463-473. 2015.

MYERS, D. G. **Psicologia Social**. Porto Alegre: AMGH Editora Ltda. 2014.

OLIVEIRA, T. M. V. Escalas de Mensuração de Atitudes: Thurstone, Osgood, Stapel, Likert, Guttman, Alpert. **Revista Administração on line [On Line]. FECAP**. 2(2). 2001

POREDDI, V.; THIMMAIAH, R.; BADAMATH, S. Medical and nursing students' attitudes toward mental illness: An Indian perspective. **Investigación y Educación en Enfermería**, 35(1): 86-94. 2017.

RODRIGUES, A.; ASSMAR, E. M. L.; JABLONSKY, B. **Psicologia Social**. Rio de Janeiro: Editora Vozes. 2015.

SANTOS, S. D.; SOARES, M. H.; HIRATA, A. G. Atitudes, conhecimento e opinião frente à saúde mental em alunos de graduação em enfermagem. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, 47(5): 1202-1210. 2013.